

PUEBLA - Quadragésimo Ano (1979-2019)

PUEBLA - Fortieth years old (1979-2019)

Ney de Souza *

Recebido: 27/03/19

Aprovado: 30/05/19

Resumo: Este artigo objetiva apresentar sinteticamente a III Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, Puebla (1979). O texto será desenvolvido em três partes: a preparação, o evento e a obra de Puebla. O tema central de Puebla é a evangelização libertadora, um desafio naquele contexto e na atualidade. A situação econômica, política e religiosa na América Latina estava enfrentando uma enorme crise. Por um lado, a sociedade desenvolvimentista que trazia, juntamente com as ditaduras, um sofrimento infundável à população e, por outro lado, parte da instituição religiosa católica no enfrentamento desta situação.

Palavras chave: Puebla, evangelização, América Latina, práticas cristãs.

Abstract: This article aims to synthesize the III Conference of Latin American and Caribbean Bishops, Puebla (1979). The text developed in three parts: the preparation, the event and the work of Puebla. The central theme of Puebla is liberating evangelization, a challenge in that context and nowadays. The economic, political and religious situation in Latin America was facing a huge crisis. On the one hand, the developmental society that brought, along with the dictatorships, an endless suffering to the population and, on the other hand, part of the Catholic religious institution in the confrontation of this situation.

Key words: Puebla, evangelization, Latin America, Christian practices

Introdução

O intuito do historiador não é simplesmente adentrar ao passado para adquirir conhecimento, mas refletir sobre aquele contexto a partir do tempo presente e, assim, verificar a possibilidade de continuidade e descontinuidade com aquele passado. A instituição religiosa católica na América Latina atual vive grandes desafios. O estudo aqui apresentado poderá contribuir para se pensar numa Igreja que seja credível através de seu testemunho, pois somente visibilidade não oferece a credibilidade. Após 40 anos da realização da III Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho, a pesquisa oferece possibilidades para adentrar novamente nas reflexões de Puebla e ao mesmo tempo, no presente, discutir sobre a eficácia da evangelização no continente.

* Ney de Souza é doutor em história eclesiástica pela Pontificia Università Gregoriana (Roma), pós-doutor em teologia pela PUC RJ e professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia PUC-SP. E-mail: nsouza@pucsp.br

Puebla, a preparação.

Ao encerrar a XVI Assembleia do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), no fim de 1976, o então Prefeito da Congregação para os Bispos e Presidente da Comissão para a América Latina, cardeal Sebastião Baggio, anunciou o interesse do Papa Paulo VI em convocar uma III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho.

No dia 12 de dezembro de 1977, o Papa convocou-a para ser realizada em Puebla de Los Angeles no México e fixou a data de sua realização para o dia 12 até o dia 18 de outubro de 1978. Como tema, propôs a *Evangelização no presente e no futuro da América Latina* apontando dessa forma a sua recente Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) como substrato teológico.

Contudo, com a morte de Paulo VI (6 de agosto de 1978) e o breve pontificado de João Paulo I (eleito em 28 de agosto de 1978, durou 33 dias), forçou sua prorrogação até a eleição do novo Pontífice: João Paulo II (eleito 16 de outubro de 1978). O novo Papa confirmou a Conferência de Puebla e fixou sua data para o dia 27 de janeiro até o dia 15 de fevereiro de 1979, visto que era desejo seu, vir e participar (cf. SOUZA, 2019, p. 72).

Desde 1977, data de sua convocação, os Bispos da América Latina já estavam trabalhando, como demonstra o discurso do então Presidente do CELAM, o cardeal Aloísio Lorscheider:

Faz dois anos que, numa preparação intensa, vimos aprofundando o que significa em nosso contexto latino-americano evangelizar hoje e amanhã. Temos procurado, na oração e no estudo pastoral, a maneira de evangelizar hoje e amanhã a nossa América Latina. Como atuar pastoralmente na América Latina, numa total fidelidade ao Evangelho? Quais são os critérios e as linhas de uma verdadeira e autêntica evangelização para a América Latina? Quais deverão ser as opções pastorais fundamentais para que o Evangelho seja um acontecimento atual e presente, com toda a sua, vitalidade e força original? No esforço de dois anos chegamos a um ponto do nosso caminho, que é necessário recordar brevemente, já que ele poderá ser nosso ponto de partida para o caminhar ulterior. Esse ponto de chegada nos dois anos de preparação é o Documento de Trabalho (LORSCHIEDER, 2019).

Nesses dois anos de trabalho, o CELAM elaborou o *Documento de Consulta* (DC) que foi *enviado a todas as dioceses no primeiro semestre de 1978, com o objetivo de servir de instrumento de reflexão e de permitir reações diversas* (AGOSTINI, 2007, p. 43). Segundo o historiador argentino Enrique Dussel (1983, p. 515) o texto apresentava um caráter apologético sem contribuições novas. O DC foi denominado à época de *livro verde* devido a cor da capa. O texto estava organizado em três núcleos temáticos (Situação Geral,

Marco doutrinal e Ação pastoral da Igreja). Segundo o Conselho Episcopal este deveria ser o principal documento preparatório da Conferência de Puebla. Por sua vez, D. Aloisio Lorscheider havia escrito na carta de apresentação que este era um texto preliminar do DC.

Mesmo assim, os setores progressistas receberam como um texto retórico e sem proposta de renovação para o catolicismo Latino-Americano (FERREIRA, 2012, p. 229). Dussel apresenta fortes críticas a este DC. *Trata-se de um longuíssimo texto para ser de consulta (214 páginas)*. O historiador afirma que o texto não é *convocador, provocador*. E ainda, *não se sente um povo sujeito e protagonista da história*. Em sua análise continua apresentando duras afirmações: *faltam citações de Medellín, poucas do Vaticano II, quase nenhuma das encíclicas sociais do Papa Paulo VI, alarga as críticas quando comenta que não há citações de documentos episcopais latino americanos (alguns bispos se queixam que nem sequer estão presentes as propostas das reuniões regionais prévias), nada do Sínodo de 1971 que teve como tema o sacerdócio e a justiça no mundo*. Prossegue com uma forte afirmação dizendo que *o documento será inspirado em posições teológicas anteriores ao Concílio Vaticano II, numa resignada e conciliadora posição de neocristandade* (DUSSEL, 1983, pp. 524-525).

No Brasil, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) *incentivou a participação dos fiéis na preparação de Puebla através de uma campanha de orações e contínuas informações através dos Meios de Comunicação Social e de conferências e homilias* (CNBB, n. 117). Um dos resultados da Assembleia Geral Extraordinária da CNBB em 1978 foi o texto *Subsídios para Puebla*, sempre no intuito de formar e discutir o futuro encontro de Puebla. O texto foi encaminhado à Secretaria Geral do CELAM. Uma citação deste Subsídio é clara no que se refere ao seu objetivo geral: *Que o grande acontecimento de Puebla não sirva apenas para uma rica troca de experiências pastorais, mas para a realização de alguns gestos que só no contexto da Assembleia podem ganhar toda a sua grandeza* (CNBB, n. 128).

O Documento de Consulta depois de estudado, analisado e avaliado, recebeu várias emendas das respectivas Conferências Episcopais e propiciou a elaboração e redação do *Documento de Trabalho* que, segundo o cardeal Lorscheider, foi entregue aos participantes com o intuito de ser *um instrumento de ajuda à criatividade* (LORSCHIEDER, 1979, p. 944). O texto, editado pelo CELAM, consta de 116 páginas e 95 páginas de apêndices. Sua estrutura está dividida em três partes: I – Realidade Pastoral do Povo de Deus na América

Latina, II – Reflexão doutrinal (Reino de Deus em Jesus Cristo, Igreja evangelizadora, Evangelização, cultura e promoção humana, Maria), III – Ação evangelizadora (Palavra, celebração da fé, Igreja missionária, Igreja ministerial e carismática, evangelizar a cultura e as culturas, construção de unidade). São temas componentes dos apêndices: Critérios de evangelização, Cristologia, Igreja particular, religiosidade popular, pobres e pobreza, fé e política, teologia da libertação, crítica teológica da análise marxista, a Igreja popular, segurança nacional, multinacionais (SOUZA, 2019, p. 77).

O teólogo jesuíta João Batista Libanio afirma que a realidade da Conferência de Puebla foi marcada por constantes tensões entre forças antagônicas. Aludindo a este fato, constata:

Três fatores eclesiais marcaram as decisões da conferência de Puebla: a pujante vida eclesial da América latina, a presença do papa João Paulo II, recém-eleito, e a linha dominante do secretariado organizador da assembléia. O documento será um equilíbrio, às vezes frágil e conflituoso entre essa tríplice influência básica (LIBANIO, 2000, p. 128).

Neste mesmo sentido, há outros estudiosos que constatarem esta tensão de forças antagônicas. O grupo liderado por Pablo Richard, em diálogo com Frei Betto, mostrou um documento elaborado na Colômbia por um grupo denominado *Cristãos para a Mudança de nossa Igreja* que faz a seguinte asseveração:

A poucas semanas da II Assembléia do Episcopado Latino-americano em Puebla, México, é grande a convicção de que ela, em vez de constituir um sinal de esperança para a Igreja latino-americana, pode converter-se em uma profunda frustração (FREI BETTO, 1979, p.19).

Neste ínterim, o mesmo grupo lamenta a não convocação oficial dos teólogos denominados da Libertação como *Gustavo Gutiérrez, Luiz Segundo, Leonardo Boff, Hugo Asmann, Enrique Dussel, Pablo Richard e John Sobrinho*. Frei Betto, segundo o grupo, ainda incluiria nesta lista teólogos brasileiros como, *João Batista Libânio e Clodovis Boff e os especialistas em História da Igreja, José Oscar Beozzo e Eduardo Hoornaert* (FREI BETTO, 1979, p. 19).

Apesar dessas tensões, a III Conferência iniciou no dia marcado sob a Presidência do Cardeal Sebastião Baggio, Prefeito da Congregação para os Bispos e Presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina; do Cardeal Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza (Brasil), Presidente da CNBB e Presidente do CELAM; e de Dom Afonso López Trujillo, arcebispo coadjutor de Medellín (Colômbia) e secretário-geral do CELAM.

Esta III Conferência superou em números a conferência precedente, Medellín (1968), pois participam 367 membros oficiais, sendo 187 bispos com direito a voto. Dentre os participantes, 21 eram cardeais, 66 arcebispos e 130 bispos, 45 religiosos e religiosas, 34 leigos homens e mulheres, 4 diáconos, 4 camponeses, 4 indígenas e 5 observadores não católicos (AGOSTINI, 2007, p. 44).¹ Em relação aos números, o teólogo Hugo Assmann lamentou que a reunião tenha um caráter menos ecumênico que a de Medellín. Enquanto nesta eram doze os observadores não-católicos, agora só cinco foram admitidos (ASSMANN *apud* FREI BETTO, 1979, p. 22). Ainda nesta perspectiva de tensões, é importante ressaltar que o local de reunião dos Bispos, o Seminário Palafoxiano estava, segundo Frei Betto:

todo cercado pelas forças de segurança e, fora os participantes da assembléia geral do episcopado, só os jornalistas credenciados pelo CELAM tem acesso a ele. Em seu pátio contei, hoje à tarde, dezoito viaturas policiais. As portas são guardadas por jovens do serviço secreto mexicano, trajando roupas comuns e distinguindo-se apenas por um pequeno crachá (FREI BETTO, 1979, pp. 57-58).

No dia 28 de janeiro, o Papa João Paulo II proferiu o seu discurso de inauguração da III Conferência. Seu discurso, segundo Leonardo Boff, há *duas visões dentro do mesmo discurso. Nas duas primeiras partes, há muita reserva e suspeita. Na terceira, predomina uma visão explicitamente libertadora, embora não-sistematizada* (BOFF, L. *apud* FREI BETTO, 1979, p. 60).²

Quanto à expectativa de continuidade de Medellín, é clara a dupla posição do novo Pontífice: a primeira, de continuidade com a herança de Medellín, *reduzindo a importância do Documento de Trabalho, no qual os conservadores depositavam tanta esperança* (BOFF, L. *apud* FREI BETTO, 1979, p. 58). Desta forma, com insofismável clareza, afirmava Libânio,

a gravidade da problemática social do continente, manifestando reservas críticas às ideologias vigentes: capitalistas, socialistas e da segurança nacional. Assumiam a defesa, com valentia e sem regateios, dos direitos inalienáveis da pessoa humana (LIBANIO, 2000, p. 128).

De outro lado, João Paulo II refletia seus temores e receios diante de posturas extremas:

¹ Para visualizar um paralelo quanto aos números das duas conferências, ver FREI BETTO, 1979, p. 22. Uma lista com todos os participantes e uma outra somente com os brasileiros (bispos, padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas), consulte: ALTEMEYER, 2019 p. 503-529.

² O autor apresenta as posições de outros teólogos, como Ronaldo Muñoz e Gustavo Gutiérrez, referente ao discurso inaugural do Papa João Paulo II

Nestes dez anos quanto caminhou a humanidade e com a humanidade e a seu serviço, quanto caminhou a Igreja. Essa III Conferência não pode desconhecer esta realidade. Deverá, pois, tomar como ponto de partida as conclusões de Medellín, com tudo o que tem de positivo, mas sem ignorar as incorretas interpretações por vezes feitas e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e claras tomadas de posição (JOÃO PAULO II, 1987, p. 16).

O desenrolar da Conferência de Puebla.

Na manhã de 28 de janeiro, após o Discurso de abertura dos trabalhos pronunciados por Dom Aloísio Lorscheider, foi montada a comissão de orientação e articulação que se seguiu à formação de 21 comissões cuja função era de estudarem cada tema e subtema da assembléia. Como força opositora ao esquema apresentado pela secretaria geral do CELAM, um grupo de bispos latino-americanos, mais sensíveis à realidade popular, encaminhou a seus colegas o outro esquema com 4 eixos: 1. Situação; 2. Desígnio de Deus: destinados à comunhão; 3. A vivência da comunhão eclesial na América Latina; 4. A serviço de um mundo mais fraterno e justo (FREI BETTO, 1979, pp. 71-72).

Contudo, após as discussões, no dia 31 de janeiro foram apresentados os 4 eixos básicos que circunscreviam os 21 temas a serem estudados:

1. Visão pastoral da realidade latino-americano; 2. Desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina; 3. A evangelização na Igreja da América Latina; 4. A Igreja missionária a serviço da evangelização na Igreja da América Latina; Um quinto eixo foi ganhando importância no decorrer da assembléia, sendo assumido sob o título *Sob o dinamismo do Espírito: opções pastorais* (AGOSTINI apud AGOSTINI, 2007, p. 44).³

Este esquema foi votado e não obteve nenhum voto contra. Foi uma unanimidade.

Nunca ocorreu isso numa assembléia episcopal. Dizem que o homem desse milagre foi D. Luciano Mendes de Almeida, membro da comissão de articulação. Com seu carisma de unir os contrários e de pacificar os ânimos (...) conseguiu convencer a todos de que o esquema sintetiza as aspirações dos vários grupos de trabalho (FREI BETTO, 1979, p. 76).

Assim, as vinte e uma comissões trabalharam todo o dia 01 e metade do dia 02 de fevereiro. Ao findar deste um dia e meio, tinham a primeira redação com cem páginas. Com a mistura de membros de comissões do mesmo grupo, se chegou a uma nova redação, concluída no dia 03 de fevereiro. Cada comissão tinha cerca de dezoito membros⁴ e iniciaram os trabalhos sem nenhum suporte bibliográfico. *Após esse exercício de criatividade é que os participantes recorrem aos textos que trouxeram ou que são fornecidos pelo CELAM* (FREI BETTO, 1979, p. 79).

Após um dia de descanso, os dias 05 e parte do dia 06 de fevereiro foram reservados ao estudo pessoal da segunda redação. Os dias 06, 07 e 08 foram ocupados para os debates e conseqüentemente, com as intervenções chegando no dia 09 a uma terceira

³ Para uma visão mais detalhada destes eixos, ver FREI BETTO, 1979, pp. 75-76; SOUZA, 2019, p. 79.

⁴ Os membros de cada eixo podem ser consultados na referida obra (FREI BETTO, 1979, p. 77-78).

redação.⁵ No dia 10 houve discussão acerca do texto e no dia 11 foi realizada a sua votação, chegando a 184 votos dos 187 possíveis. Todos os textos foram aceitos, exceto a segunda parte da primeira comissão que faz referência à *Visão pastoral da realidade* que recebeu 69 *non placet* não obtendo os dois terços requeridos para ser aprovado. No dia 13 de fevereiro o documento final foi votado e aprovado com 179 votantes, sendo 178 pelo sim e apenas um voto em branco. O Papa o aprovou com algumas pequeninas modificações (AGOSTINI, 2007, p. 45).

O Documento final ficou estruturado em cinco partes: a primeira parte *Visão pastoral da realidade latino-americano* que se desdobra em quatro capítulos; a segunda parte *Desígnio de Deus sobre a realidade da América Latina*, composto de dois capítulos; a terceira parte *A evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação* que se desdobra em quatro capítulos; a quarta parte *Igreja missionária a serviço da Evangelização na América Latina* também com quatro capítulos e por fim, a quinta parte *O dinamismo do Espírito: Opções pastorais*. Esta disposição não é

uma justaposição de partes, pois elas possuem uma estrutura e um eixo. A estrutura se desenvolve segundo o método teológico-pastoral de ver a realidade analiticamente (primeira parte), julgá-la com os critérios da fé (segunda parte) e agir pastoralmente para transformá-la (a terceira, quarta e quinta partes).⁶

A obra de Puebla.

Muitas são as possibilidades de leitura do documento de Puebla. Pode ser lido a partir da ótica dos pobres, da evangelização. Contudo, Clodovis Boff apresenta dois princípios hermenêuticos de base para a adequada compreensão de suas conclusões. São eles: o *princípio da totalidade ou do contexto textual*, donde se afirma que qualquer afirmação feita deve ser feita a partir do conjunto da obra e não isoladamente e o *princípio da pastoralidade ou do contexto pastoral*, haja vista que *as conclusões de Puebla não representam o pensamento de peritos e nem mesmo de teólogos, embora pressuponham ou incluam, a título auxiliar, elementos de uns e de outros* (BOFF, C. S/d, p. 4). Assim é um texto de pastores para uma realidade pastoral localizada. O próprio Papa acenou para isso em seu Discurso:

⁵ *Intervenções feitas durante a Assembleia. In SEDOC*, 11 (1979), p. 978-990. Também DOCUMENTAÇÃO. Intervenções na Assembleia da III Conferência do CELAM em Puebla. *In REB* v. 39, n. 153 (1079), p. 134 ss.

⁶ DOS SANTOS. B.B. Introdução a uma leitura do Documento a partir da opção preferencial pelos pobres. *In* <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/mundo/puebla.html> 26/03/2019

É um grande consolo para o pastor universal constatar que vos congregais aqui, não como um simpósio de peritos, não como um parlamento de políticos, não como um congresso de cientistas ou técnicos, por mais importantes que possam ser estas reuniões, mas como um fraterno encontro de pastores da Igreja. E como pastores, tendes a viva consciência de que vosso dever espiritual é de ser mestres da verdade. Não de uma verdade humana e racional, mas da verdade que vem de Deus, que traz consigo o princípio da autentica libertação do homem: *conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres* (Jo 8,32). Esta verdade que é a única a oferecer uma base sólida para uma *práxis* adequada (JOÃO PAULO II, 1979, p. 18).

Assim, justifica o método ver, julgar e agir já consagrado em Medellín. É a partir dele que se constata que a desgraça da injustiça social é um pecado que se deve combater. Nesse sentido, na esteira da *Evangelii Nuntiandi*, declara que o caminho da evangelização passa necessariamente pelo véis da promoção da dignidade humana.⁷

A Conferência de Puebla é caracterizada por sistematizar, de forma objetiva, as opções de Medellín, ou seja, a opção pelos pobres e pelas CEBs.⁸ Para Camacho não se trata de uma opção estratégica, em obediência a conveniência pastoral, mas sim de um imperativo do seguimento de Jesus, que recebe toda a sua força e atualidade do contexto histórico em que se desenvolve a América Latina (CAMACHO, s/d, p. 481).⁹ No que se refere à opção pelos pobres, o documento oferece uma roupagem teológica, identificando-a com os *anwin*. Assim, o Pobre é aqui entendido não como o necessitado, mas como aquele que é explorado e oprimido (DP n. 1135-1165).¹⁰ Puebla discrimina a partir do número 31 ao número 49 estes rostos sofridos e explorados deste continente. São eles: os Indígenas, afrodescendentes, camponeses sem terra, operários, desempregados e sub-desempregados, marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher. Em outros textos, ainda acrescenta os migrantes e as prostitutas (DP n. 29, 1261).

⁷ É reconhecida pela revelação: DP n. 316, 319-320; como valor evangélico: DP n. 1254; Jesus a restaura: DP n. 331; consiste em ser mais e não em ter mais: DP 339; é constantemente violada: DP n. 41; atropelada, DP n. 1261-1262.

⁸ O que é: DP n. 641-643; amadureceu muito e se multiplicou: DP n. 96; começaram a produzir frutos: DP n. 97; reconhece-se sua vitalidade: DP n. 156; torna possível uma Intensa vivência da Igreja como Família de Deus: DP n. 239; seus frutos positivos: DP n. 629, 640; em alguns lugares são manipuladas por políticos: DP n. 98, ou vão perdendo seu sentido eclesial: DP n. 630, ou degeneram para a anarquia organizativa ou para o elitismo fechado e sectário: DP n. 261, ou na Igreja *Popular*: DP n. 262, 263; sua fé deve ser a da Igreja universal: DP n. 373; devem ser promovidas, orientadas e acompanhadas: DP n. 648, também nas grandes cidades: DP n. 648. Também, DE CAMPOS, 1981, p. 92-102. Cf. DP n. 96, 262, 269, 1309.

⁹ Cf. também DP 1134.

¹⁰ Ver também DE CAMPOS, 1981, p. 87-92.

Segundo as vicissitudes de seu tempo, fez ainda a opção pelos jovens (DP n. 1166-1205).¹¹ Esta, prescindindo de qualquer interesse estratégico, veio chamar a atenção para esse grave problema da Igreja, que ainda perdura até hoje. Depois da crise e do desaparecimento especialmente das JEC (Juventude Estudantil Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica), a pastoral da juventude mergulhou em tempos de incertezas, de tateios e busca. Com essa opção, Puebla procurou incentivar a busca de novas formas de atuação no meio juvenil (DP n. 1166-1187). Diante de uma sociedade turbulenta, Puebla faz ainda opção pela defesa da dignidade da pessoa humana.

O documento de Puebla, acima de tudo, trouxe como grande contribuição um novo modo de compreender a pastoral e a própria Igreja por meio do princípio *Comunhão e Participação*. No que se refere à pastoral, o próprio título já é bem significativo – Evangelização no presente e no futuro da América Latina -, por abordar a problemática da evangelização, herança específica da Exortação *Evangelii Nuntiandi* (EN). O próprio título foi, entre muitos sugeridos, fixado pelo papa Paulo VI, no dia 25 de março de 1977 como consequência natural da EN.

O Papa João Paulo II apresentou a tríplice verdade que forja o conteúdo da evangelização: *a verdade sobre a Igreja* (DP n. 220-303), como Povo de Deus, sinal e serviço de comunhão; *a verdade sobre Jesus Cristo* (DP n. 170-219), o Salvador que anunciamos e *a verdade sobre o homem* (DP n. 304-399), inserida do Documento Final de Puebla. Nesse sentido, João Paulo II *vê na ortodoxia o fundamento e a condição da ortopraxis. Com isso, não nega a interação dialética entre doutrina e práxis, mas afirma a primazia da verdade do Evangelho, enquanto verdade vinda de Deus* (MELO, 1996, p. 72). Estas três verdades estão intimamente conectadas entre si, formando, por assim dizer, três momentos de uma totalidade, de um único e mesmo discurso (JOÃO PAULO II, 1982, pp. 17-34). Desta tríplice verdade haurem de Puebla uma cristologia, uma eclesiologia e uma antropologia, não importada, mas conectada com a realidade ameríndia, com seus problemas e suas esperanças (DP n. 162-339).

Notoriamente, Puebla transmite um conteúdo eclesiológico mais centralizador, que procura a unidade e a comunhão. Juntamente com esta nota característica, quer que a comunhão entre todos se prolifere por meio da participação efetiva e objetiva na construção do Reino de Deus. É, sem dúvida, uma volta à compreensão eclesiológica,

¹¹ Ver também CECHINATO, 1981, p. 146-147.

centrada na verdade e dela parte toda a sua ação, como bem exemplifica o Concílio Vaticano II e a *Evangelii Nuntiandi*. É a partir do binômio: *comunhão e participação* que se entenderá à eclesiologia pós-Puebla (TAMAYO, 1980, p. 324). A este respeito Camacho afirma:

Para alguns, o paradigma, baseado na comunhão e na participação, oculta uma estratégia para substituir o que nasceu do calor a respeito da libertação. Ainda que isso tenha de fato ocorrido em algum momento, ninguém pode tampouco duvidar que o projeto de libertação estivesse arraigado na Igreja latino-americana, e servir como núcleo aglutinador do grande esforço evangelizador, no período que transcorre Medellín e Puebla. Mas também teve seus detratores, quase sempre apoiados em certos desvios reducionistas da libertação. Tudo isso, que era vida e experiência histórica, tinha de estar presente em Puebla (CAMACHO, s/d, p. 478).

Contudo, de Puebla em diante, a Missão da Igreja na América Latina será entendida, de forma oficial, como evangelização, como já se pudera verificar na *Evangelii Nuntiandi*. A evangelização aqui tem como objetivo central as culturas antigas e novas do continente, a promoção humana e os modelos de vida social e política. É interessante a afirmação de Melo quando sustenta que

A evangelização anuncia uma salvação que dá sentido às aspirações e realizações humanas, ao mesmo tempo em que as questiona e excede. Começando, pois, nesta vida, a salvação atinge a sua completa realização na eternidade. Sendo assim, são muito fortes os vínculos que unem salvação, promoção humana, desenvolvimento e libertação (MELO, 1996, p. 72).

É por meio da evangelização que a salvação uma vez concretizada *no mistério pascal de Cristo [...] chega a nós hoje, mediante a Igreja sob a ação do Espírito Santo* (DP n. 479). Nesse sentido, a evangelização exige e comporta como elemento natural o testemunho dos evangelizadores, o anúncio da Boa Nova, a geração da fé como conversão, o comprometimento eclesial e, conseqüentemente, o envio de evangelizadores (DP n. 356-361). A evangelização, missão de toda a Igreja, povo de Deus, deve estar fincada na concretude das realidades humanas, considerando suas dimensões histórico-culturais (SOUZA, 2019, p. 251). Somente assim, a Boa Nova do Evangelho poderá concretizar-se, tal como apontou a *Evangelii Nuntiandi* e as Conclusões de Puebla. A dimensão cultural, adverte o Papa Francisco, não pode ser ignorada no processo de evangelização:

[O] povo de Deus encarna-se nos povos da Terra, cada um dos quais tem a sua cultura própria (...). Trata-se do estilo de vida que uma determinada sociedade possui, da forma peculiar que têm os seus membros de se relacionar entre si, com as outras criaturas e com Deus. Assim entendida, a cultura abrange a totalidade da vida dum povo. Cada povo, na sua evolução histórica, desenvolve a própria cultura com legítima autonomia (EG n. 115).

A Boa Nova do Evangelho, encarnada nos mais diversos rostos culturais, *não ameaça a unidade da Igreja* (EG n.117), mas revela sua diversidade e sua inserção nas mais diversas realidades, unida pelo próprio Espírito. Sendo assim, além de ser transcultural (Cf. EG n.117), manifesta-se de forma diversificada nas culturas dos mais diversos povos de nosso planeta. A religiosidade popular, tão cara aos povos latino-americanos, é uma forma de integração entre a cultura local e a evangelização, um sinal de que o Evangelho foi assumido pela cultura, tal como apontara a *Evangelii Nuntiandi* e o texto de Puebla. Pois, *quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação* (EG n.122).

Como herança da *Evangelii Nuntiandi*, a evangelização em Puebla é abordada como missão essencial da Igreja que se inspira em sinais e critérios fundamentais, como o da Palavra de Deus contida tanto na Sagrada Escritura como na Tradição codificada por meio da profissão de fé e dos dogmas, o *sensus fidei*, assim como no denominado *sensus fidelium*, ou seja, na fé do Povo de Deus atuante nas múltiplas comunidades (DP n. 362-384).

É por isso que se pode afirmar:

Encontramos no Documento de Puebla um conceito amplo e equilibrado de evangelização. Sem deixar-se enredar em conceitos unidimensionais, o Documento de Puebla entende por evangelização toda a atividade da Igreja pela qual suscita e alimenta a fé, provoca a conversão e conduz à participação no mistério de Cristo. Este mistério é proclamado no Evangelho e realizado na Igreja pela existência cristã (MELO, 1996, p. 74).

Esta evangelização se concretiza de forma objetiva por meio das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Ao referir-se a elas, o documento afirma que *são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade, e se lhe oferece a possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo* (DP n. 643).

Portanto, se em Medellín o horizonte da evangelização era a libertação, em Puebla, é a libertação integral. A este respeito Camacho afirma:

A libertação integral é elemento inspirador de Puebla e objeto das preocupações dos bispos ali reunidos, que querem evitar todos os reducionismos. Por isso, é que se insiste tantas vezes na libertação integral. Pretende-se com esta palavra incluir, antes de mais nada, a dimensão transcendente da salvação, que dá seu sentido último ao processo de libertação na história. Mas, atrás do qualitativo integral, encerra-se também outra dimensão, que é novidade em Puebla: a cultural. [...] a evangelização não se dirige apenas ao indivíduo

isolado, nem às estruturas da sociedade, mas sim ao homem total que se conforma com o tecido sociocultural. Diante da inexistência de Medellín na libertação da opressão ao homem latino-americano sofre, especialmente por meio dos mecanismos socioeconômico, Puebla pretende descobrir um nível mais profundo de dependência: o cultural (DGAE, 2015, n. 3).

O legado de Puebla traz essa importante perspectiva do Evangelizar, donde evangelização é colocar os empobrecidos no centro da eclesialidade, compartilhando suas dores, lutas, clamores e resistências, ciente de que, como afirma o episcopado brasileiro, deve-se ter uma *renovada consciência de que a evangelização continuamente parte da contemplação de Jesus Cristo presente em sua Igreja e se desenvolve em diálogo com os contextos em que se realiza* (DGAE, 2015, n. 3).

Assim, dialogando com a realidade e seus desafios, a evangelização será autêntica e libertadora, pois em Puebla, a *própria ação evangelizadora aparece formulada em termos de evangelização libertadora* (AQUINO JUNIOR, 2018, p. 298).

Considerações Finais.

A evangelização e a libertação estão intimamente conjugadas, de modo que, ao anunciar a Boa Nova promove-se a libertação e a promoção humanas, que busca superar as estruturas que oprime, exclui e mata o povo latino-americano, de modo especial, os mais empobrecidos. Longe de uma evangelização alienante e excludente, Puebla quis promover uma evangelização crítica, formadora de consciência, contextualizada e libertadora, que dê a conhecer a beleza da mensagem evangélica. O Papa Francisco tem efetivamente promovido uma evangelização nesses moldes: atento aos desafios que afetam a humanidade, anuncia a Boa Nova com vigor e coerência, denunciando toda estrutura que oprime e mata e promovendo a libertação e a dignidade humana em todas as suas dimensões. O estudo da Conferência de Puebla certamente faz refletir sobre as metodologias pastorais na atualidade da América Latina e do Caribe para a ação evangelizadora neste aspecto da libertação. O estudo aqui apresentado verifica que grande parte do catolicismo atual fez outras opções que vão inversamente do que foi apresentado no texto da III Conferência. Certamente outros estudos poderão avaliar se a escolha é a melhor e se está fincada no Evangelho.

Referências bibliográficas

- AGOSTINI, N. *As Conferências episcopais: América Latina e Caribe*. São Paulo: Santuário, 2007.
- ALTEMEYER, F. III Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho. Lista de todos os participantes. In: SOUZA, N. e SBARDELOTTI, E. (orgs.). *Puebla, Igreja na América Latina e no Caribe*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 503-529.
- AQUINO JÚNIOR, F. Evangelização e promoção humana. In: BRIGHENTI, A. e PASSOS, J. D. (Orgs.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.
- BOFF, C. *Introdução à leitura das Conclusões de Puebla*. Petrópolis: Vozes, s/d.
- CAMACHO, A. *A Doutrina Social da Igreja na América Latina: Medellín e Puebla*. São Paulo: Loyola, 1991.
- CECHINATO, L. *Puebla ao alcance de todos*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CELAM, *Conclusões de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CNBB, *DGAE - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- CNBB. *Subsídios para Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- DE CAMPOS, J. N. *Brasil: uma Igreja diferente*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor. 1981.
- DUSSEL, E. *De Medellín a Puebla, uma década de sangue e esperança*. Vol. III. São Paulo: Loyola, 1983.
- FERREIRA, R. L. Revelando os bastidores: as cartas circulares de Dom Helder Camara e os conflitos internos na Conferência de Puebla (1979). In *Paralellus* ano 3, n. 6, (2012) 227-239.
- FREI BETTO. *Diário de Puebla*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FREI BETTO. Intervenções feitas durante a Assembleia. In *SEDOC*, 11 (1979), p. 978-990.
- FREI BETTO. Intervenções na Assembleia da III Conferência do CELAM em Puebla. In *REB*, v. 39, n.153 (1979) p. 134ss.
- JOÃO PAULO II. Discurso Inaugural. In CELAM, *Evangelização no presente e no futuro da América latina – Texto Oficial*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- LIBANIO, J. B. *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.
- LORSCHIEDER, A. Discurso (de abertura). In *SEDOC*, 11 (1979).
- MELO, A. *A Evangelização no Brasil: dimensões teológicas e desafios pastorais. O debate teológico e eclesial (1952-1995)*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana. 1996.
- SOUZA, N. e MARTINS, M. A. Evangelizar: de Puebla a Francisco. In: SOUZA, N.; SBARDELOTTI, E. (orgs.). *Puebla, Igreja na América Latina e no Caribe*. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019.
- SOUZA, N. Puebla, antecedentes e evento. In: SOUZA, N. e SBARDELOTTI, E. (orgs.). *Puebla, Igreja na América Latina e no Caribe*. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019.
- TAMAYO, F. *Eclesiología de Puebla*. In *Medellín*, n. 35 (1980) p. 324.

Sites

- DOS SANTOS, B. B. Introdução a uma leitura do Documento a partir da opção preferencial pelos pobres. In <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/mundo/puebla.html> 26/03/2019

LORSCHIEDER. A. *Alocução Introdutória aos Trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. In http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf 26/03/2019.